

# APERFEIÇOAMENTO DO TAQUÍGRAFO: TAREFA DIÁRIA E PERMANENTE.

Por: WALDIR CURY

Palestra proferida por ocasião do

II Congresso Brasileiro de Taquígrafos,

Realizado no Rio de Janeiro, no período de 5 a 7 de outubro de 1988.

Repetida em maio de 2000, em Rio Branco,

no Encontro dos Taquígrafos do Acre.

Eu quero dividir esta minha análise em alguns interessantes tópicos:

1. O gravador e a sua força avassaladora, que desestimula o treinamento da velocidade taquigráfica.
2. Mas, paradoxalmente, o gravador como equipamento extraordinário para o desenvolvimento da velocidade do taquígrafo (**skill-getting**).
3. Taquígrafo e gravador se completam.
4. Comportamento do taquígrafo em relação ao Vernáculo (estudo obrigatório e permanente da Gramática).
5. Atitudes do taquígrafo na hora da tradução-transcrição.

Começamos com o primeiro tópico: *o gravador e a sua força avassaladora, que desestimula ou inibe o estudo da velocidade taquigráfica.*

Há poucos anos, quando ainda não havia sido introduzido o gravador no meio taquigráfico, o taquígrafo – além de se submeter a um concurso que era uma verdadeira prova de fogo – cuidava diariamente de manter a forma. Isto se fazia por intermédio de um professor ou individualmente, através de cópias, ou ainda de um *tête-a-tête* com um colega que lhe ditava trechos de jornais em velocidades progressivas. Havia também, de tempos em tempos, **campeonatos de velocidade**.

Os taquígrafos costumavam fazer o apanhamento taquigráfico em duplas e havia mesmo uma emulação, uns querendo mostrar os seus dotes, os seus talentos, outros estudando com afinco para suplantar os melhores.

Naquela época, lembro-me muito bem, era um verdadeiro espetáculo cinematográfico vermos os taquígrafos em ação: uns fazendo sinais taquigráficos miúdos (**microtaquigrafia**), tentando “segurar o orador”, na maior calma do mundo, concentrados ao extremo – donos da situação; outros faziam garranchos enormes, mas numa velocidade incrível e às vezes chegavam a se levantar para melhor taquigrafar. E de pé, com seus

enormes garranchos, tal era o afã de pegar os oradores velozes, que chegavam a fazer uma interessante coreografia, uma verdadeira dança de corpo e mãos.

Não raras vezes taquígrafavam andando pelo plenário, achegando-se perto do orador para melhor ouvi-lo.

Artistas brilhantes, tinham uma *performance* e uma encenação tal, que curiosos deles se acrecavam para apreciar de perto aquela representação quase teatral.

Eram uns virtuosos. Como sabemos, existe o músico medíocre e o grande virtuoso. O que faz com que alguém se torne um virtuoso? Antes de tudo, o conhecimento íntimo das obras interpretadas, mas também toda a cultura musical do intérprete, a sua inteligência, a sua sensibilidade e – *last but not least* – as horas a fio que ele gasta em treinar técnica.

Naquela época, os concursos ousavam até incluir trechos de Rui Barbosa: eram 10 minutos (de 110 a 125 palavras por minuto) de Rui Barbosa, com as suas palavras eruditas e de difícil traçado taquígráfico. E havia – de igual forma – a temida prova de 5 minutos, feitos à velocidade de 130 palavras por minuto! E, como se não bastasse, o candidato era ainda brindado com uma prova de plenário: 30 minutos de plenário, na hora do pinga-fogo (se fosse numa hora calma, não valia). Quinze minutos num dia e quinze minutos num outro dia diferente.

Naquela época, dava-se mesmo muito valor ao artesanal, às habilidades manuais de cada indivíduo. E apontar-se para alguém e dizer que era um exímio taquígrafo significava uma honra toda especial; significava que era alguém possuidor de um grande talento, era uma espécie de avis rara.

Resumindo: naquela época, os taquígrafos consagravam-se diariamente – de corpo e alma – ao estudo da técnica taquígráfrica e chegavam a resultados objetivos, significativos e espetaculares. Havia uma exercitação diária e permanente.

Foi então que aconteceu um fato histórico, que veio mudar significativamente esta situação. Havia um Deputado, de nome Gama Lima, que era o terror dos taquígrafos. Homem cultíssimo e excelente orador, conseguia falar fluentemente com uma velocidade que ultrapassava as 180 palavras por minuto. Quando Sua Excelência o Senhor Presidente anunciava “com a palavra o nobre Deputado Gama Lima”, toda a sala da taquígrafia estremecia. Havia choro e ranger de dentes. Vários taquígrafos corriam em disparada para dentro do plenário, em socorro da dupla infeliz que teria que taquígrafar aquele verdadeiro vulcão incandescente. Tínhamos, então, cinco, seis mãos velocíssimas de taquígrafos praticamente em transe a tentar captar aquela enxurrada de palavras proferidas em velocidade supersônica.

Mas o fato histórico de que falei vem agora. Uma taquígrafa, de nome Ana Letícia, que também era artista plástica, hoje já aposentada, resolveu desafiar o establishment e um belo dia apareceu na sessão com um gravador portátil, dizendo que era para ajudar a pegar apenas o Deputado Gama Lima, que Sua Excelência falava numa velocidade que ultrapassava todos os limites da escrita taquígráfrica e todas as fronteiras da paciência dos taquígrafos.

Houve um rebuliço total na sala da taquígrafia. Mas, como?! Taquígrafo com gravador?! Onde é que já se viu uma coisa dessas?! Taquígrafo é taquígrafo: não pode usar gravador!

O gravador apareceu, então, naquela sala, como um objeto estranho, como uma coisa absurda, como um ser extraterrestre. No entanto, aquela artista plástica (geralmente os

artistas estão sempre na vanguarda, sempre inconformados com o statu quo, gostam mesmo é de evolução), aquela Ana Letícia havia – sem querer – descoberto o “ovo de Colombo”.

- “É...de fato...até que ela não está tão errada assim...”, “por que a gente fazer disparar tanta adrenalina para captar o Gama Lima se aí está à nossa disposição a máquina, a tecnologia para nos ajudar?”

E aos poucos, os taquígrafos mais ortodoxos foram aderindo à idéia – a princípio com a desculpa de que era tão-somente para ajudar a “pegar” o Gama Lima (isso até que era aceitável – Nihil obstat), mas aos poucos, ele, o gravador, passou a servir também para os oradores menos velozes.

Foi o gravador – sem dúvida – a grande inovação, a grande novidade, que operou uma verdadeira e oportuniíssima revolução na Taquigrafia.

Entrou sorrateiramente, mas foi-se impondo a ponto de criar uma força avassaladora que – de repente – se transformou num contributo insubstituível, ou indispensável – se quiserem.

Houve, então, de lá para cá, uma queda generalizada da velocidade taquigráfica, o taquígrafo já não se sentindo na obrigação de se empenhar tanto, se desgastar tanto. Começou, então, a decadência, um declínio muito grande da qualidade artesanal. O *laisser-aller*, a displicência, o descaso, a indiferença estabeleceram-se e jogaram a proficiência taquigráfica para um segundo plano.

O maior pecado do gravador (que tem também suas virtudes) é o de ser um enganador, é o de dar a ilusão ao taquígrafo de que ele, o taquígrafo, está com ótima velocidade e está pegando muito bem. No que se refere à velocidade do taquígrafo, o gravador é mesmo um engenho muito perigoso. Ele dá a ilusão de...Ele, o gravador, é um ótimo remédio, mas tem um péssimo “efeito colateral”. Ao mesmo tempo em que ele diminui a quantidade de adrenalina que o taquígrafo teria de jogar na corrente sanguínea, ele também escangalha com a sua performance no que diz respeito à velocidade taquigráfica. Isto é um *fait-accomplí*. O abuso do gravador traz resultados decepcionantes.

Mas longe de mim vituperar o gravador, cuja maior dentre todas as virtudes é a de propiciar ao serviço taquigráfico a fidedignidade. Além das notas taquigráficas, o taquígrafo dispõe de mais uma fonte de consulta para elevar ao máximo da perfeição a transcrição.

Mas como o gravador também falha (e ninguém melhor do que nós, taquígrafos, sabemos disto), eu aqui tenho que afirmar – alto e bom som – que a Taquigrafia não está ultrapassada nem o gravador é um concorrente perigoso. Na realidade, não há confronto. A verdade verdadeira é que há, isto sim, uma cooperação espetacular, um contributo, uma integração perfeita entre notas taquigráficas e gravação. Quando uma falha, temos a outra.

O taquígrafo hoje está muito mais bem equipado do que há alguns anos. Agora ele tem à sua disposição um equipamento que lhe permite taquigrafar com mais distensão, com menos tensão emocional, com menos angústia. O gravador é um auxiliar espetacular do taquígrafo, na medida em que torna possível um número infinito de repetição de uma mesma palavra, de uma frase ou de um trecho que porventura o taquígrafo não tenha conseguido entender durante o apanhamento taquigráfico.

Um outro grande mérito do gravador é que ele pode ser o melhor dos professores, no que se refere à aquisição da velocidade taquigráfica. E neste ponto o gravador é um instrumento paradoxal, pois ao mesmo tempo em que pode ser um elemento que pode determinar a queda da velocidade de um taquígrafo – pode também se transformar no mais

poderoso instrumento de aquisição da velocidade taquigráfica, pois é um professor que nunca se cansa de repetir o mesmo ditado.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que, se antes do gravador um taquígrafo podia chegar a uma velocidade de até 140 palavras por minuto, agora ele pode ir muito além. Basta treinar diariamente, sistematicamente, com método. Como nos ensina René Descartes: NADA MELHOR DO QUE O MÉTODO.

Querem ver a prodigiosa eficiência do gravador no aumento da velocidade taquigráfica? Façam a seguinte experiência: gravem um ditado de 5 minutos na velocidade de 100 palavras por minuto e todos os dias, após o café da manhã, treinem este ditado, repetindo também – várias vezes – as palavras de difícil traçado. A cada 10 dias, mudem o ditado. Quando se sentirem bem seguros nesta velocidade, avancem para ditados de 105 palavras por minuto. Depois de um ano de um estudo metódico e diário assim, contem-me o resultado. Aliás, não precisam contar-me. O resultado, vocês o verão no plenário. O treinamento metódico e diário da velocidade taquigráfica dará cada vez mais segurança ao taquígrafo.

Usem o gravador como mestre. Ele é um equipamento altamente eficaz. Tracem a própria estratégia. Que tal treinar velocidade taquigráfica 30 minutos todos os dias?

Continuo a insistir neste paradoxo: se antes do advento do gravador, este excelente engenho, havia taquígrafos mais seguros e velozes, é paradoxal que, ao ser colocado à nossa disposição o melhor dos professores, o mais poderoso meio de aquisição de velocidade – a velocidade caia.

Como conseguir, em última análise, a proficiência taquigráfica, a competência, a aptidão, a capacidade? Podemos aqui falar no skill-training, no skill-getting e no skill-using, que podemos traduzir por treinamento, aquisição, e utilização de um “savoir-faire”, de uma competência. Mas é bom que se esclareça: o skill-using, ou seja, a utilização, a prática, enfim, a perfeição jamais se concebe antes de uma atividade de “skill-training”, ou seja, de treinamento.

Johan Sebastian Bach, o grande gênio da música, quando era cumprimentado por sua estupenda performance organística, costumava responder: “Isso nada tem de especial.” E quando lhe era perguntado como conseguira dominar a arte em tão alto grau, ele respondia geralmente: “Fui obrigado a trabalhar arduamente; quem for igualmente industrioso, conseguirá fazer o mesmo.”

Várias vezes já tive ocasião de ver taquígrafos voltarem do plenário estupefatos e, resfolegando, dizerem: “Meu Deus! O orador disparou; eu não consegui pegar quase nada. Vou ter que tirar praticamente tudo do gravador. Eu não sei o que está acontecendo comigo...”

Eu, no entanto, sei exatamente o que está acontecendo: o taquígrafo quer ter o skill-using sem usar o skill-getting, quer ter mestria e aptidão para taquigrafar oradores velozes, mas não move uma palha para se manter em forma. Há muito tempo entregou ao gravador toda a responsabilidade do “apanhamento taquigráfico”.

Que diríamos de uma bailarina que passasse meses, anos a fio sem treinar técnica? E que diríamos de um concertista, um pianista que não dedicasse várias horas por dia para treinar a técnica pianística? Como seria a execução do seu concerto?

Será que não devemos também ter uma ginástica, uma “malhação”diária para nos manter em forma na velocidade taquigráfica?

Também é comum ouvir taquígrafos parlamentares queixarem-se do método: “o meu método não é bom...é muito limitado...não vai além de certa velocidade...”Ledo engano! Não é o método que é limitado. O taquígrafo é que parou no tempo. Ele é que se entrincheirou atrás do gravador em vez de mergulhar na tarefa diária e permanente do treinamento da velocidade.

Perguntaram, certa feita, a Thomas Edson qual o segredo do seu sucesso, ele que era detentor do maior número de patentes, de invenções. E ele respondeu: “10% de inspiração e 90% de transpiração.”

No que se refere à velocidade taquigráfica, não há meio-termo: ou o taquígrafo fica cada vez melhor ou fica cada vez pior. Ninguém se iluda: a rotina, o trabalho de plenário não aumentam a velocidade. Só o treinamento técnico, metódico e diário conseguem essa proeza.

Da mesma forma, ninguém jamais pense que o fato de ter passado num concurso significa já que esteja proficiente. Na realidade, o concurso é um mero proto-estágio, quando se trata de Taquigrafia. O treinamento da velocidade deve prosseguir pela vida inteira. O pior dos pecados é o autoconvencimento: “eu acho que já estou acabado, já sou um virtuoso, já sou auto-suficiente e já atingi os píncaros da perfeição.

Agora passemos ao terceiro tópico: taquígrafo e gravador se completam.

No plano prático, gravador e taquígrafo se completam de modo muito eficiente e exato.

Hoje em dia é muito comum ouvir-se a seguinte pergunta: para que taquígrafo se há o gravador? Não é mais prático gravar e tirar tudo da gravação?

Quando se trata de fidedignidade, de responsabilidade, a pergunta não deve ser “o que é mais prático”, mas, sim, “o que é melhor”, “o que é mais perfeito”.

No que tange ao apanhamento dos discursos e dos debates parlamentares (e aqui ficam incluídas as CPIs, etc.), podemos aplicar várias FÓRMULAS diferentes para a fixação do que foi dito.

Por razão de clareza, eu estou dividindo em FÓRMULAS as diversas maneiras de uso do gravador e do taquígrafo.

1ª FÓRMULA: Só gravação.

Deixa muito a desejar, principalmente quando a gravação está ruim ou o orador tem péssima dicção. O apanhador (não-taquígrafo) terá só uma fonte a que consultar: a fita magnética. E o pior: corre-se o risco da perda total do discurso, caso haja uma falha mecânica e nada fique gravado.

2ª FÓRMULA: Só taquígrafo ao vivo. (Sem gravação)

Esta a fórmula usada desde o tempo dos romanos até o aparecimento do gravador. Tem a desvantagem de ser extremamente desgastante e gerar angústia e tensão, principalmente quando o taquígrafo tem de enfrentar oradores que falam rápido demais ou têm dicção ruim. Neste caso, o taquígrafo terá de redobrar o esforço de transição, de interpretação. Não raro será obrigado a fazer enxertos (no caso de trechos ou palavras que foram humanamente impossíveis de pegar ou de entender no ato do apanhamento taquigráfico).

3ª FÓRMULA: Gravação + taquígrafo ao vivo.

Já é bem melhor do que a fórmula anterior, na medida em que o taquígrafo, pela própria natureza, é um profissional altamente condicionado, especializado, adestrado na difícil arte da interpretação de sons. É, por conseguinte, muito mais fácil para um

profissional deste porte entender uma gravação, mesmo com o som ruim e mesmo com oradores que tenham dicção ruim.

4ª FÓRMULA: Orador ao vivo + taquígrafo ao vivo + gravação.

É – incontestavelmente – a fórmula que permite 100% de autenticidade, de fidedignidade, de fidelidade, de perfeição. Aqui o taquígrafo tem duas fontes a que recorrer: as notas taquígráficas e a gravação. Mesmo quando a gravação não tenha ficado muito boa, será muito mais fácil ao taquígrafo, que taquígrafou ao vivo, fazer a reconstituição do discurso, pois ao vivo ele pôde “sentir o orador”, ele pôde acompanhar todos os acontecimentos no plenário, no ambiente. E vice-versa, qualquer coisa que o taquígrafo não tenha conseguido entender ao vivo, ele a entenderá na gravação.

4ª FÓRMULA: Orador ao vivo + taquígrafo ao vivo + gravação + computador (e mais outra tecnologia que venha a surgir).

Aqui se fecha o círculo rumo à perfeição total.

De modo que a Máquina não substitui o Homem. ELES SE COMPLETAM DE MODO EFICIENTE E EXATO. A Tecnologia não veio para extinguir a Taquígrafia, mas veio dar-lhe uma melhor qualidade.

Bem, agora vamos abordar um ponto que consideramos de muita importância no trabalho do taquígrafo: a tradução, ou a transcrição, como quiserem. O taquígrafo deve

traduzir palavra por palavra, frase por frase, ao ponto de fazer cada linha da sua tradução brilhar de perfeição.

Todos nós sabemos que os oradores cometem faltas gramaticais. Neste caso, o taquígrafo ouve, grava – mas depois corrige. Pelo menos esta é a missão do taquígrafo. E os taquígrafos experientes já vão corrigindo os erros gramaticais dos oradores no próprio ato de taquígrafar.

Por outro lado, é ao taquígrafo que compete encontrar também a forma, o efeito estilístico, enfim, a expressão gráfica adequada. Falar é uma coisa, escrever é outra.

O taquígrafo não pode esperar nem exigir que todo parlamentar, que toda pessoa que fale seja um perito em Oratória e muito menos em Gramática. Mas do taquígrafo se espera que saiba Gramática.

O que tem que ficar claro é o seguinte: um parlamentar não tem a obrigação de falar corretamente. Tem a obrigação de saber fazer leis, e boas leis. Mas o taquígrafo tem “ex officio” a obrigação de redigir corretamente. E toda essa obrigação do taquígrafo foi decidida em congressos internacionais de taquígrafia.

A Gramática tem obrigatoriamente de ser especialmente estudada por todos os taquígrafos. E neste mister é preciso também formar hábitos novos: criar uma sede de conhecimento. O taquígrafo deve estudar o Vernáculo com afinco, com uma paciência inesgotável, numa brincadeira de professor e aluno, em que aquele seja exigente e encorajador e este dócil, submisso, diligente e persistente.

Ninguém pode dizer que não dispõe de tempo para estudar, pois não estamos falando em horários intensivos, mas sim num estudo homeopático, que seja constante e diário. Estamos falando do “festina lente” dos latinos, que podemos traduzir por “devagar, pouco a pouco, se vai ao longe”.

Meia-hora por dia é demais? Por que não aproveitar os intervalos vagos no próprio local de trabalho? E não existem excelentes livros de gramática e de exercícios, que não são monótonos? Por que não utiliza-los sistematicamente para ampliar os conhecimentos?

E aqui vêm os latinos novamente: “Si vis, potes” – “Se você quiser, você poderá.” Ou ainda os franceses: “Aide-toi, le ciel t’aidera.” – “Ajuda-te que o céu te ajudará.”

O taquígrafo profissional tem mesmo – por razão de ofício – de aumentar sempre e cada vez mais o seu cabedal, a sua bagagem cultural, para poder cada vez mais interpretar e redigir melhor. O taquígrafo há que ser um amante do aprender. Sua especialização deve ser sempre crescente e progressiva. Não existe um ponto de chegada.

Um outro ponto importante: na hora da tradução, ou transcrição, qual deve ser a atitude do taquígrafo? A primeira atitude para um trabalho perfeito é não ter pressa de terminar. A segunda é, depois do trabalho concluído, fazer uma releitura com toda a atenção, antes de entregá-lo. Procurar ver se a tradução está primando pela clareza e harmonia das frases. Há que entregar-se ao trabalho metódico de identificação. Há que procurar sempre a relação mútua que existe entre as palavras proferidas pelo orador e o sentido (sense) entre a palavra e a idéia. Por isso é imprescindível uma releitura daquilo que se traduziu. Uma releitura atenciosa pode até evitar “preciosidades taquigráficas” ou até mesmo “preciosidades dos oradores”. Por vezes os oradores, nos seus arroubos oratórios, costumam enganar-se. Tomemos um exemplo:

Um Deputado falou assim: “Estamos pedindo providências contra aquele ato que abonamos completamente.” É claro que aqui houve um “lapsus linguae”, um engano involuntário do orador. Ele queria dizer “contra aquele ato que abominamos completamente.” E pode acontecer que o taquígrafo tenha taquigrafado “abonamos” e traduza “abonamos”. No entanto, numa releitura atenciosa antes de entregar o trabalho, o taquígrafo certamente iria detectar o seu “cochilo” e iria transcrever a palavra certa.

De maneira que temos que prestar a máxima atenção a este ponto. Esta questão é mais importante e fundamental do que se pode imaginar. Nós sabemos, por exemplo, que o matiz de uma palavra mal traduzida, numa situação de elevada tensão política, pode significar guerra ou causar problemas diplomáticos. E neste ponto podemos acrescentar também que, numa Casa política, o taquígrafo não é tão livre diante de suas próprias criações, pois há uma relação indissolúvel entre a palavra e o meio em que esta se usa – com todas as conseqüências que isso possa acarretar.

O assunto é muito sério. Quando, certa feita, uma taquigrafa transcreveu PC em vez de PC do B, provocou a ira e a reação da tribuna, no dia seguinte, de uma Deputada, pois Sua Excelência era do PC do B e estava falando exatamente sobre o PC do B. E todos nós sabíamos na época que o PC do B e o PC eram partidos quase que antagônicos, pelo menos em algumas questões.

Esta simbiose entre orador e taquígrafo já deve começar no próprio ato do apanhamento taquigráfico, quando o taquígrafo deve ser todo ouvidos, todo atenção.

Vou dar-lhes uma pequena amostra de como funciona esta simbiose no plano prático. Por ocasião do Congresso Pró-Constituinte das Assembléias Estaduais, realizado no Copacabana Palace, estava S. Exa. O Senador Pompeu de Souza proferindo uma palestra quando, de repente, lhe faltou uma palavra. S. Exa., então, aflito, dirigiu-se aos presentes, solicitando ajuda. O fato foi mais ou menos assim, conforme vocês ouvirão agora na gravação:

O SR SENADOR POMPEU DE SOUZA - ... aquilo que deriva de um teorema...como se chama?

(suspense no auditório)

O SR. SENADOR POMPEU DE SOUZA – (sorrindo...) Mas, meu Deus, será que não há ninguém aí que me socorra?!

O SR DEPUTADO ELMIRO COUTINHO – Teorema de Pitágoras!

O SR. SENADOR POMPEU DE SOUZA – Não, Teorema de Pitágoras é outra coisa...

O TAQUÍGRAFO (Waldir Cury) – Corolário!

O SR. SENADOR POMPEU DE SOUZA - Isso! Corolário! Corolário! Oh! A Taquigrafia nos salvou! (E continuou a sua palestra.)

Este modesto taquígrafo que neste momento lhes fala estava, como viram, numa perfeita simbiose com o pensamento do orador. Acompanhava o pensamento do orador e sabia exatamente qual era a exata palavra de que o orador precisava.

E para terminar, gostaria de lembrar aos taquígrafos aqui presentes que por causa de uma tradução malfeita de OS DIÁLOGOS de Platão, o francês Étienne Dolet acabou na fogueira, nos idos de 1546. E, por ironia, este francês Étienne Dolet foi o primeiro teórico sobre o assunto, foi o autor de “A Maneira de Bem Traduzir de Uma Língua à Outra”. Mas, graças a Deus, já não se jogam maus tradutores nas fogueiras! Senão, o que aconteceria com esses taquígrafos que traduziram estas “preciosidades”, que tenho o prazer agora de passar às suas mãos?!

**(Veja as “Preciosidades Taquigráficas” neste site, em Variedades III, item 9.)**